

**O LABIRINTO DO MUNDO DE COMENIUS OU UMA ALEGORIA DO
ECCLESIASTES NO SÉCULO XVII¹**

**COMENIUS' LABYRINTH OF THE WORLD OR AN ALLEGORY OF
THE ECCLESIASTES IN THE 17TH CENTURY**

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.vi51.49992>

AGUIAR, Thiago Borges de²
CUSTÓDIO, Maria Aparecida Corrêa³
CORRÊA, Rafael Aparecido⁴

Resumo

Jan Amos Comenius (1592-1670), educador membro da União dos Morávios, conhecido por sua obra didática, escreveu, no início dos anos 1620, o livro *O Labirinto do Mundo e o Paraíso do Coração*. Esse livro descreve o percurso de um Peregrino pelas diferentes ocupações do mundo para observá-las e constatar que estão todas corrompidas pela vaidade. Em desespero, o Peregrino volta-se para o Cristo e encontra os verdadeiros cristãos e suas alegrias. Essa alegoria pode ser lida, conforme este artigo propõe, como uma narrativa moderna do livro bíblico *Eclesiastes*, considerando: (1) que o *Eclesiastes* era um dos poucos livros do Antigo Testamento aceitos pela União dos Irmãos; (2) que o tema da vaidade não só está presente como é tema central em ambos; (3) que ambos os textos podem ser lidos como o trabalho de um pregador ou de um mestre; e (4) que Comenius insere Salomão (provavelmente ainda tido por Comenius como autor do *Eclesiastes*) na sua narrativa para denunciar a vaidade. Ao apontar para estas características, busca-se entender o lugar do livro de Comenius como uma obra de consolação e de início de seu trabalho didático.

Palavras-chave: Jan Amos Comenius; O Labirinto do Mundo e o Paraíso do Coração; Eclesiastes (Coélet); Didática; União dos Irmãos.

Abstract

Jan Amos Comenius (1592-1670), an educator and member of the Unity of the Brethren (Czech Brethren), known for his didactic work, wrote in the early 1620s the book *The Labyrinth of the World and the Paradise of the Heart*. This book describes a Pilgrim's journey through the different occupations of the world to observe them and see that they are all corrupted by vanity. In desperation, the Pilgrim turns to the Christ and finds the true Christians and their joys. This allegory can be read, as this article proposes, as a modern narrative of the biblical book *Ecclesiastes*, considering: (1) that *Ecclesiastes* was one of the few Old Testament books accepted by the Unity of the Brethren; (2) that the theme of vanity is not only present but central to both; (3) that both texts can be read as the work of a preacher or master, and (4) that Comenius inserts Solomon (probably still regarded by Comenius as the author of *Ecclesiastes*) in his narrative to denounce vanity. By pointing to these characteristics, we seek to understand the place of Comenius's book as a work of consolation and the beginning of his didactic work.

Keywords: Jan Amos Comenius; The Labyrinth of the World and the Paradise of the Heart; Ecclesiastes (Coélet); Didactics; Unity of the Brethren.

¹ Parte dos resultados apresentados neste artigo foram oriundos de pesquisas que contaram com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Doutor em Educação (USP). Professor da Universidade Metodista de Piracicaba.

³ Doutora em Educação (USP). Professora da Universidade Federal do Maranhão.

⁴ Licenciado em Filosofia (UNIMEP) e Especialista em Literatura e Outras Linguagens Artísticas (UNIMEP).

Introdução

Jan Amos Comenius (Komenský, em tcheco, 1592-1670) é um nome conhecido da história da educação, especialmente por sua obra didática. Seu livro mais conhecido, *Didática Magna*, foi concluído, em sua primeira versão (ainda somente em tcheco) no ano de 1632 e a versão em latim, que foi traduzida para diversas línguas e está disponível em português, foi iniciada logo no ano seguinte. Sua carreira acadêmica começou na Universidade de Herborn (Alemanha), seguindo, posteriormente, para Heidelberg (também na Alemanha), retornando para ser professor e reitor da escola latina da cidade de Přerov (fica na Morávia, região da Europa central que constitui atualmente a parte oriental da República Tcheca), onde havia estudado na infância. Essa era uma das escolas do grupo religioso chamado *Unitas Fratrum* (*Jednotá Bratrská* em tcheco ou União dos Irmãos em português). Em 1616, com 24 anos de idade, dois anos depois de ter voltado à escola, é ordenado sacerdote (FATTORI, 1997). A partir dessa data, segue no exercício de sua função de pastor morávio e exímio educador.

No contexto europeu e tcheco, esse período foi marcado por um grande conflito político e religioso. Até o ano de 1612, o então imperador Rodolfo II, do Sacro Império Romano-Germânico, fizera de Praga sua corte e lá instituiu uma política de tolerância religiosa, na qual puderam conviver estudiosos de Alquimia, grupos protestantes e judeus cabalistas. Após sua morte, foi eleito imperador e rei da Boêmia seu irmão, Mathias, que, já idoso, morreu poucos anos depois. No ano de 1617, o Arquiduque Fernando da Estíria, “católico-habsburgo fanático” torna-se rei da Boêmia e implementa, com apoio de conselheiros jesuítas, uma política de intolerância e perseguição religiosa aos grupos não católicos (YATES, 1972).

Essa política sofreu forte oposição e houve um levante que culminou na oferta da coroa do reino da Boêmia a Frederico, Eleitor Palatino, em 26 de agosto de 1619, o que ele aceitou, não sem grandes ponderações e dúvidas, em 28 de setembro. No entanto, seu sogro, rei Jaime da Inglaterra, não apoiou sua filha e seu genro e se manteve ao lado dos espanhóis e da casa de Habsburgo. Frederico e a esposa ficaram no poder apenas no período do inverno de 1619-1620.

À medida que o ano transcorria, a situação foi-se tornando ameaçadora. Os inimigos de Frederico estavam concentrando-se para expulsá-lo; seus aliados mais importantes – os príncipes protestantes alemães não vinham em seu auxílio. (...) As forças de Frederico foram totalmente derrotadas na Batalha

da Montanha Branca, fora de Praga, no dia 8 de novembro de 1620. Esta vitória firmou o domínio Habsburgo na Europa pelo espaço de uma outra geração, e deu início à Guerra dos Trinta Anos, que finalmente extinguiu o poder Habsburgo. (YATES, 1972, p. 41).

Por conta desse contexto político e religioso, houve a extinção da igreja nacional tcheca e a expulsão de membros de diversos grupos religiosos não católicos (como a União dos Irmãos), fazendo com que Comenius perdesse sua mulher e dois filhos, bem como todos os seus bens e propriedades (em 1621) e o obrigando, junto com outros membros da União, a se exilar (em 1622), inicialmente em outra cidade tcheca, Brandýs nad Orlicí, na região de Pardubice, e, posteriormente, em 1628, para a Polônia (FATTORI, 1997).

Logo no início de seu exílio, em Brandýs nad Orlicí, Comenius conclui o livro *Labyrint světa a ráj srdce*, no ano de 1623, obra que foi traduzida para o português em 1917 por Francisco Valdomiro Lorenz, publicada pela Editora Pensamento e republicada em 2010 pela Editora Comenius, de Bragança Paulista. *O Labirinto do Mundo e o Paraíso do Coração* é uma alegoria na qual um peregrino entra no mundo para conhecer as ocupações e escolher o que fará de sua vida. Sua história passa pela constatação da confusão em que o mundo se encontra e do necessário retorno para dentro do (paraíso do) coração como única forma de não se perder nesse labirinto.

Trata-se de um texto do início de sua carreira sacerdotal que marca, também, o início de sua reflexão didática. Citando Covello (1999), Bollis (2015), estabelece o lugar desta obra dentro do pensamento pedagógico comeniano:

Consideramos que o percurso educativo de Comenius tem início com O Labirinto do Mundo. Essa também é a opinião de Covello: “É o labirinto do mundo a grande obra mística de Comenius. Mas é, também, o ponto de partida de sua pedagogia, igualmente mística.” Aqui, a sua preocupação é em educar seu povo, por isso, neste texto, a noção de “todos” restringe-se ao seu povo, membros da congregação dos Irmãos Morávios. Entretanto, podemos dizer que aí se inicia sua trajetória educativa, uma vez que as preocupações com um método de ensino eficiente já estavam presentes. No texto, Comenius apresenta-nos um mundo caótico, que clama por um novo modo de ensinar. Temos então o início da preocupação comeniana com a formação do seu povo, a qual se estenderia a todos indistintamente, como também com o método de ensino, embora ainda não tivesse instrumentos teóricos para desenvolver um modo de ensinar. (BOLLIS, 2015, p. 49).

Esse “mundo caótico” que “clama por um novo modo de ensinar” é coerente com as questões de um líder religioso que havia sido professor da escola latina do grupo do qual

passara a ser ministro no início da condição de exilado. Como já escrevemos em outro momento,

Sem lugar no mundo, ele tem que consolar seus fiéis diante de uma situação profundamente adversa na qual ele e seus discípulos viviam. Ele escreve uma utopia na qual o mundo está perdido, como num grande labirinto, e só há meio de salvação nesse mundo voltando-se para o “paraíso do coração”, um não-lugar dentro de si no qual a esperança de um futuro melhor possa se realizar. Mas seu esforço de construção de um legado a partir de seu pensamento exilado produz uma obra de fôlego, com seus mais de 150 livros, muitos deles sobre educação. (AGUIAR, 2018, p. 86).

A imagem do labirinto do qual precisamos escapar é presente em toda a obra comeniana. Ele irá retomá-la, em especial, em seu testamento espiritual, o livro *O único necessário* (*Unum necessarium*, 1668).

Nesta obra, Comenius diz que há uma causa única de todas as confusões no mundo, a saber, que as pessoas não podem distinguir as coisas necessárias das desnecessárias, elas perdem as primeiras e se preocupam com as últimas, e ficam eternamente emaranhadas e enredadas nelas. Ele continua dizendo que é necessário observar o governo de Cristo sobre as coisas necessárias, porque somente isso pode mostrar ao homem o caminho para sair dos labirintos do mundo. Na prática, Comenius exorta os principais homens: os estudiosos, os políticos e os teólogos, a usar sua orientação para aplicar a regra de Cristo a fim de sair dos labirintos particulares. No final, entregando-se à sabedoria eterna por meio de sua própria libertação – o livre arbítrio – o espírito se entregaria a Deus. (VOLDAN, 2009, p. 205, tradução dos autores)⁵.

Olhar para *O Labirinto do Mundo e o Paraíso do Coração* é uma oportunidade para compreender as bases do pensamento comeniano, esse autor que vai continuar exortando as pessoas, ao longo da vida, a saírem do labirinto. Se ele é mais conhecido por sua obra didática, esta não se separa de sua obra teológica e de seu trabalho pastoral.

Este artigo busca detalhar um aspecto muito presente no texto comeniano: sua relação com o livro bíblico *Eclesiastes*. Entendemos que o estabelecimento dessa relação permite

⁵ No original: In this work Comenius says that there is a unique cause of all the confusions in the world, which is that people cannot distinguish the necessary things from the unnecessary ones, they miss out the former and worry about the latter, and they get endlessly entangled and embroiled in them. He continues by saying that it is necessary to observe the rule of Christ about necessary things, because only this can show man the way out of the labyrinths of the world. In practice, Comenius calls on the principal men: the scholars, the politicians and the theologians, to use their guidance to apply the rule of Christ in order to get out of the particular labyrinths. In the end, surrendering to the eternal wisdom by means of its own liberation — the free will — the spirit would give itself to God.

ampliar a compreensão da visão que Comenius apresenta do mundo na medida em que a chave desse livro bíblico é utilizada.

A peregrinação

Em linha gerais, a metafórica narrativa do *Labirinto*⁶ trata da viagem de um peregrino pelo mundo. Quando o peregrino chegou “à idade em que o intelecto humano começa a distinguir entre o bem e o mal” (COMENIUS, 2010, p. 19) ele se depara com a necessidade de escolher o que fará de sua vida, que trabalho executará. Diante dessa necessidade, ele se dirige ao mundo para conhecê-lo e, nele, conhecer as diferentes ocupações. Para isso, conta com a ajuda de dois guias: o Curioso e o Engano. Do Curioso recebe um freio (como de cavalo) que o guiará pelos lugares; e do Engano recebe os óculos para enxergar o mundo. Mas esses óculos, em especial, ficam mal colocados, permitindo que ele possa espiar sem as “lentes da Opinião” e a “armação do Costume” que deturpam sua visão.

Depois de receber do destino a missão de “observar” (*speculare*), ele se dirige à “Praça do Mundo”, onde observa como as pessoas andam mascaradas. Observa o casamento e entende que a balança que pesa a harmonia dos noivos é frequentemente adulterada por pesos em dinheiro. Vai à rua da classe industrial e se desencanta com os trabalhos manuais inúteis e com as arriscadas viagens marítimas. Segue à rua da classe dos eruditos, onde observa as atividades dos filósofos, alquimistas, rosa-cruzes, médicos, juristas e acadêmicos. Em todos, encontra muito desperdício, futilidades, apego a um conhecimento vazio e/ou pouco seguro.

Segue para a rua da classe dos religiosos, visitando diversas religiões, com destaque para a religião cristã. Nesta, encontra um lugar meio escondido, esquecido, alvo até de chacota das pessoas, que ele a princípio ignora, mas que será importante no final da história. Nesse momento, contudo, o que encontra é uma significativa distância entre o que dizem e o que fazem seus membros. Quando visita a classe daqueles que governam, encontra governantes, prefeitos, conselheiros e advogados atuando em profunda desordem e calcados apenas em seus interesses particulares. Quando visita os militares, os fidalgos e os jornalistas, enfim, ele só encontra discórdia, coisas supérfluas, boataria e confusão.

Como é difícil escolher uma ocupação, o peregrino vai observar o castelo da fortuna e analisa a vida daqueles que receberam fortuna, poder, fama e se fartavam em grandes banquetes ou estavam queimados pelo fogo da luxúria (e da Sífilis). Tudo é muito horrível e o peregrino começa a se desesperar. Seus guias o levam para o palácio da rainha (Sabedoria) e

⁶ A partir deste momento do texto, utilizaremos esta forma de escrita (com letra maiúscula e apenas a palavra Labirinto) para nos referirmos ao livro *O Labirinto do Mundo e o Paraíso do Coração*.

suas conselheiras. O que, a princípio, parecia ser um sério governo do mundo mostra-se o mero atendimento das vaidades. Salomão (famosa figura bíblica), então, aparece, desmascara a rainha e publica um texto no qual afirma o engano da falsa Sabedoria. A rainha, então, vai atrás de Salomão e consegue impedi-lo de continuar a falar mal dela por meio do casamento e das setecentas mulheres que a Volúpia, uma das conselheiras da rainha, lhe ofereceu. Os seguidores de Salomão também são perseguidos e não há mais ninguém a denunciar as vaidades do mundo.

O peregrino se desespera e ouve a voz do Cristo em seu coração, exortando-o para voltar para dentro de seu coração. Lá, ele se entrega totalmente a Jesus, é introduzido na Igreja Invisível, recebe novo freio (o jugo suave) e novos óculos (com a armação feita da Palavra de Deus e as lentes do Espírito Santo). Volta, então, ao mundo para ver os verdadeiros cristãos (vários deles escondidos naquela sala que ele a princípio ignorou durante a visita aos religiosos), com a abundância de bênçãos que eles têm, a verdadeira paz e a alegria que habita em seus corações. O peregrino, enfim, entende a glória de estar entre os eleitos. Ele ouve as palavras do Cristo, que, entre outras coisas, afirma:

Enquanto eu te deixar no mundo, conserva-te nele, como um peregrino, viajor e hóspede. (...) Enquanto estiver no mundo, goza as coisas terrenas, mas ama as celestes. (...) Não te deixes atrair pelo mundo, mas abraça-te comigo; no mundo deves estar com o teu corpo, e em Mim com o teu coração. E se assim fizeres, és bem-aventurado e feliz. (COMENIUS, 2010, p. 167-168).

É essa tensão entre estar no mundo e não ser do mundo que se estabelece ao longo da obra. A didática (tema central da preocupação de Comenius que a entenderá como uma Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos, Totalmente) como saída do labirinto irá se tornar o caminho principal pelo qual seguirá o “peregrino” Comenius. Mas antes que esse caminho venha a se estabelecer, ele é o pregador exilado e perseguido que tenta consolar os seus leitores.

“Ao leitor”

As primeiras páginas do *Labirinto* são dedicadas às palavras de Comenius “Ao leitor”. Esse escrito inicial trata de algumas considerações feitas por Peregrino, o personagem central da obra, antes de entrar propriamente na história por ele narrada. Logo de início, podemos levantar algumas questões sobre o título dado a esse capítulo. Quem é o leitor para quem o Peregrino narra sua história? Seria esse leitor alguém desejoso de viver as mesmas

experiências do Peregrino? Seria uma obra para o leitor que já vivenciou as experiências e obteve impressões do mundo semelhantes às do personagem? A obra é para um tipo específico ou para um grupo de leitores, ou seria uma obra para todos? De certo modo, temos a inserção dessa obra no contexto específico do exílio da União dos Irmãos. Nesse sentido, há um leitor suposto mais próximo do tempo do exílio.

Quando tomamos o texto “Ao leitor”, notamos que o Peregrino afirma que cada criatura tem o desejo natural de preferir o que é agradável e cômodo, sejam criaturas irracionais, seja o ser humano dotado de razão. Portanto, diz ele, até os mais sábios, desde os tempos mais antigos, buscaram resolver uma pertinente questão: onde e como se encontra a maior quantidade de Bem, o Bem Supremo, que sacia os desejos humanos? (COMENIUS, 2010)

A palavra “desejo” aparece não apenas na questão inicial, mas ainda outras sete vezes, explicitamente, ao longo deste trecho. O que seria então esse desejo? Uma primeira hipótese que levantamos é o prazer do ser humano em descansar sua mente no Bem Supremo. Utilizando a referida hipótese como chave de leitura, lembramos dos filósofos do século XVII que

[...] retomam a tradição grega de um Bem transcendente como fim de toda ação moral. O Soberano Bem é identificado com Deus: “O Soberano Bem do espírito é o conhecimento de Deus, e a soberana virtude do espírito é a de conhecer Deus” (Espinoza). Assim, o Soberano Bem é o ponto culminante das morais da perfeição. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 28).

Suspeitamos que Comenius, ao dar voz a Peregrino, parte de perspectiva semelhante. Assim, inferimos que para esse pensador o desejo do ser humano e de todas as outras criaturas está no Bem Supremo, e que o Bem Supremo é e está em Deus; portanto, o desejo que tanto se busca está no encontro com Deus.

Mais adiante do texto, o Peregrino diz que é comum a todos os “homens” buscar o mais completo prazer e que quase todos buscam fora de si. Assim, uns desejam tranquilizar e satisfazer sua mente “nas riquezas e posses, outros em prazeres e volúpia, outros em glória e grande estima, outros em ciência e arte, outros em alegre companhia etc.” (COMENIUS, 2010). Desse modo, todos esperam achar o Bem em coisas do exterior. Todavia, não é no exterior que essas pessoas encontram o que procuram, afirma o personagem.

Nesse aspecto, para fortalecer seu argumento de que o Bem não está nas coisas do exterior, o Peregrino cita uma frase bíblica encontrada no verso 17 do capítulo 2 de *Eclesiastes* ou *Coélet* (termo mais utilizado pelos estudiosos da área bíblica): “Aborreci-me

desta vida, porque a obra que se faz debaixo do Sol me parece má; porque tudo é vaidade e aflição de espírito” (COMENIUS, 2010, p.17).⁷ Para o Peregrino (leia-se: Comenius), essa frase é atribuída a Salomão; entretanto, a pesquisa bíblica constatou há décadas que atribuir a Salomão a autoria desse livro é mera ficção literária. Posteriormente, aprofundaremos melhor essa questão.

Inspirado nessa frase e, provavelmente, no conjunto do livro de *Eclesiastes*, o Peregrino (ou Comenius falando por ele!) entende que a paz da alma e o possível Bem que todos os homens buscam consistem em deixar o mundo ser o que é; e descobrir em si próprio o caminho que conduz a Deus. E conclui – à luz do Salmo 73,26 – que é mais feliz o ser humano que, despreocupado com o mundo, encontra em Deus “a fortaleza do seu coração, e a sua porção para sempre” (COMENIUS, 2010, p.17).⁸

O uso desse fragmento e de outros textos de *Eclesiastes* faz emergir questões muito pertinentes: por que esse livro é impactante para Comenius nesse momento? Que relação esse livro tem com a vida de Comenius? Ou seria esse livro bíblico uma preferência do período histórico vivido pelo autor? Da região onde vivia? Da tradição hussita a qual fez parte?

É evidente que o autor, por conta de sua vida estreitamente ligada à religião cristã, tinha uma relação muito próxima com os livros bíblicos em geral, mas o que chama atenção é o fato dele ter utilizado *Eclesiastes* como fonte de inspiração para a escrita de o *Labirinto*.

Relações entre o *Labirinto* e *Eclesiastes*

A relação entre o *Labirinto* e o livro do *Eclesiastes* já foi apontada por Atwood (2009):

Há uma longa tradição de obras devocionais cristãs que usam o motivo da peregrinação para descrever o processo de crescimento espiritual, mas o peregrino no *Labirinto* não faz uma viagem pelo mundo. Em vez disso, ele explora uma única cidade cujas ruas são como o labirinto do mito grego do Minotauro em Creta. o peregrino não encontra nenhum monstro para matar no centro do labirinto, mas um abismo, do qual ele se desespera (capítulo 36). O *Labirinto* é baseado no livro de *Eclesiastes*, um dos poucos livros do Antigo Testamento que os Irmãos valorizavam. Em *Eclesiastes*, o mestre, tradicionalmente identificado como o rei Salomão, "viu todas as ações que são feitas debaixo do sol; e veja, tudo é vaidade e uma corrida atrás do

⁷ Na versão bíblica que utilizamos (*A Bíblia de Jerusalém*): “Detesto a vida, pois vejo que a obra que se faz debaixo do sol me desagrada: tudo é vaidade e correr atrás do vento”.

⁸ Em *A Bíblia de Jerusalém*, Salmo 73 (72), verso 26, diz: “Minha carne e meu coração podem se consumir: a rocha do meu coração, a minha porção é Deus, para sempre!” Sobre esse trecho, dizem os comentaristas que a carne e o coração podem se consumir de desejo e não de fraqueza, assim como também podemos observar no Salmo 84 (83), verso 3: “Minha alma suspira e desfalece pelos átrios de Iahweh; meu coração e minha carne exultam pelo Deus vivo”.

vento". A maioria dos peregrinos que Comenius encontra em sua jornada pelo labirinto do mundo faz exatamente isso: eles perseguem o vento e, no final, colhem exatamente o que semearam – nada. (ATWOOD, 2009, p. 345)⁹.

A União dos Irmãos possuía uma visão de que o Primeiro Testamento (AT) era inferior e incompleto em relação ao Segundo Testamento (NT), pois valorizavam as escrituras muito mais como um livro guia para o cotidiano do que um texto teológico. Nesse sentido, do Primeiro Testamento, eles valorizavam três livros: *Salmos*, *Eclesiastes* e *Provérbios*. Eles também liam o livro apócrifo *Sabedoria de Salomão* (ATWOOD, 2009).

É por essa razão que o caráter de inspiração para o cotidiano continua presente no *Labirinto* e sua relação com o *Eclesiastes* é coerente com a teologia e a prática religiosa da União dos Irmãos. Atwood não propõe, em sua obra, detalhar essa relação, mas, sim, estabelecer pontos de conexão entre o texto de Comenius e a teologia da União dos Irmãos. Ele mostra como a crítica do Peregrino à distribuição dos mundos em classes é uma reelaboração da crítica feita por Petr Chelčický¹⁰ cerca de duzentos anos antes; bem como a insistência do Peregrino em não seguir o seu guia Engano, mas seguir a sua razão, pode ser comparável às atitudes tanto de Chelčický quanto de Jan Hus¹¹, visto que a fé verdadeira e a razão verdadeira são as bases da teologia da União. Para esse autor, Comenius dessacralizou a hierarquia social e revelou a estrutura de opressão da ordem social do início do século XVII (ATWOOD, 2009).

O autor ainda encontra no *Labirinto* alusões à coroação de Frederico, à concepção comunitária da vida econômica da União, aversão da União às disputas teológicas (porque baseadas no ódio), relevância de que os cristãos vivam de acordo com o que pregam (ortodoxia precisa acompanhar ortopraxia) entre outros elementos (ATWOOD, 2009). Trata-

⁹ No original: "There is a long tradition of Christian devotional works that use the motif of pilgrimage to describe the process of spiritual growth, but the pilgrim in Labyrinth does not go on a journey through the world. Instead, he explores a single city whose streets are like the labyrinth in the Greek myth of the Minotaur on Crete. pilgrim finds no monster to slay at the center of the labyrinth, but an abyss, from which he turns in despair (chapter 36). The Labyrinth is based on the book of Ecclesiastes, one of the few Old Testament books the Brethren valued. In Ecclesiastes, the teacher, traditionally identified as King Solomon, "saw all the deeds that are done under the sun; and see, all is vanity and a chasing after wind." Most of the people Comenius's pilgrim encounters on his journey through the labyrinth of the world do just this: they chase after the wind, and in the end they reap precisely what they sowed—nothing."

¹⁰ Petr Chelčický (1390?-1460?) foi o autor cuja obra inspirou um grupo de jovens a iniciar a União dos Irmãos. Seu livro mais famoso, a Rede da Fé Verdadeira, faz uma dura crítica à sociedade feudal e ao poder papal e do imperador. Ver Aguiar (2015) sobre a relação entre a obra dele e a de Comenius.

¹¹ Jan Hus (1373-1415) foi um teólogo e educador que iniciou a pregação em língua vernacular em Praga, escreveu diversas obras de cunho teológico, realizou a reforma da ortografia do tcheco (escrevendo, inclusive, uma pequena cartilha) e defendeu posições religiosas que o levaram à excomunhão e à acusação de ser um hereiarca. A União dos Irmãos é um dos grupos hussitas que se formaram a partir de suas ideias. Ver Aguiar (2012) para um estudo detalhado a seu respeito.

se, em suma, de um livro visto pela União dos Irmãos: “como uma afirmação verdadeira sobre a vida e a fé. Eles carregaram cópias do Labirinto com eles para o exílio. Alguns até alegaram que deixaram sua terra natal com nada além de suas Bíblias e o Labirinto de Comenius.”¹² (ATWOOD, 2009, p. 352-353)

De fato, parece haver uma relação muito próxima entre o livro de *Eclesiastes* e o *Labirinto* para além da similaridade textual entre a exortação de Comenius à vaidade, anteriormente mencionada, e o prólogo do texto bíblico que traz: “Vaidade das vaidades – diz *Coélet* – vaidade das vaidades, tudo é vaidade” (ECLESIASTES 1,2).

É provável que essas conexões não sejam fortuitas! Segundo *A Bíblia de Jerusalém*, *Eclesiastes* (em grego *ekklesia*) ou *Coélet* (no hebraico) pode significar homem da assembleia, o Mestre ou o Orador; ou ainda, o representante da assembleia que, cansado do ensinamento clássico, aproveita para fazer o uso da palavra. Portanto, *Eclesiastes* ou *Coélet*, ou “o Pregador” conforme aponta a bíblia supracitada, é aquele que narra a sua história a um público tal como o faz Peregrino contando suas experiências no *Labirinto*.

Aprofundando os usos e os sentidos desse livro bíblico desde sua identificação e nomenclatura, podemos recorrer ao estudo de Veras (2005).¹³ Ela comenta que a palavra *Coélet* é um termo bastante controverso, pois muito se discute sobre sua origem, significado, categoria gramatical e gênero. Segundo vários autores estudados por Veras, o significado do termo *Coélet* consiste em um problema para a interpretação bíblica e seu real sentido continua sendo um enigma.

Desse modo, explicar a palavra *Coélet* é uma das tarefas mais difíceis da filologia bíblica. A palavra pode ser interpretada como um verbo indicando os sentidos de: congregar, convocar, reunir, recrutar; ou como substantivo, carregando uma multiplicidade de sentidos como os de: exército reunido para a guerra, um tribunal, uma comunidade cultural, uma assembleia, ou ainda um bando de malfeitores.¹⁴

Coélet também pode ser entendido como nome próprio ou uma abreviação comum aos nomes de rabinos, ou ainda um pseudônimo ou até mesmo um epíteto. Todavia, Veras (citada) afirma que o mais provável é que *Coélet* fosse um nome de uso comum, empregado pelo autor do livro bíblico como nome próprio.

¹² No original: “as a truth ful statement about life and faith. They carried copies of the Labyrinth with them into the exile. Some even claimed that they left their homeland with nothing but their Bibles and Comenius’s Labyrinth.”

¹³ O estudo de Veras é utilizado largamente neste artigo, considerando que apresenta conteúdo analítico rico em exegese e hermenêutica bíblica, com repositório de informações atuais do livro de *Eclesiastes*.

¹⁴ Assim como ocorre em Salmos 26,4-5: “Não me assento com os impostores, nem caminho com os hipócritas; detesto a *assembleia dos maus* e com os ímpios não me assento” (Grifos nossos).

Já *Ekklesiastes*, o termo grego correspondente e mais próximo do hebraico *Coélet*, também tem seus significados: Platão o emprega para designar o membro da assembleia intermediário entre os juízes e o povo; Aristóteles o utiliza para se referir a alguém com certa autoridade, equiparado ao nível dos juízes.

Por sua vez, na *Bíblia de Kralice*, edição de 1613, publicada na cidade de *Kralice* e primeira bíblia traduzida dos escritos originais para a língua vernácula (tcheca) pela União dos Irmãos, da qual Comenius fazia parte, a palavra que designa *Coélet* é *Kazatel* (BIBLE KRALICKÁ, 1613). Em livre tradução para o português, este termo significa “Pregador”.

Considerando que o educador e pastor morávio teve contato e fazia uso da referida edição bíblica, inferimos que o personagem Peregrino pode ser comparado a *Coélet*, assumindo significados funcionais como pregador e representante de seu leitor/povo. Peregrino, então, é aquele que representa os que estão cansados das vaidades mundanas e, por esse motivo, decidem comunicar/pregar para seus leitores (leia-se: sua assembleia) sobre os perigos do mundo. Diga-se também, que essa assembleia não é composta apenas por seus Irmãos da comunidade, mas por todos os leitores de sua obra.

Em última instância, é Comenius que quer dizer a seus congêneres sobre as vaidades presentes no “mundo” de sua época. Contudo, a situação de exílio o impede de falar com sua assembleia em seu lugar tradicional de culto. Nesse sentido, é a escrita de *Labirinto* que confere liberdade aos pensamentos de Comenius, ou seja, seu personagem, o Peregrino, assume o lugar de representante do autor.

Essa hipótese, em nosso entendimento, está intrinsecamente ligada à tradição cristã da qual o bispo morávio fazia parte. Formado por essa tradição e certamente influenciado por ela, assim como muitos outros pensadores que viveram no mesmo período histórico, Comenius era crédulo dos textos bíblicos, concebendo as palavras da Sagrada Escritura como “a verdade”, e consciente do seu compromisso de transmitir esse ensinamento a sua comunidade.

Outro ponto de conexão entre os dois livros e os dois personagens é o fato de o livro de *Eclesiastes* ser contraditório, possuindo afirmações díspares que oscilam entre o conservadorismo e uma inovadora abertura para o mundo, entre a fé e o ceticismo (VERAS, 2005).

O *Labirinto* também apresenta interessantes jogos de contradição, dentre os quais podemos destacar o capítulo 7, quando os guias encaminham Peregrino à Praça do Mundo onde se encontram “pessoas de todas as línguas e nações, de todas as idades, altura, sexo, estado, ordem, classe e profissão” (COMENIUS, 2010, p. 27).

A Praça do Mundo é um dos primeiros lugares no *Labirinto* em que o Peregrino visita o povo junto com seus guias. Ao observar diversas pessoas reunidas num único lugar, Peregrino espanta-se com o “nobre” gênero humano:

Olhando eu então aquele povo com mais atenção, vi como cada um enquanto estava no meio dos outros, conservava uma máscara, a qual tirava quando se achava a sós ou em companhia de seus iguais, tornando a colocá-la sempre quando voltava ao bando. Perguntei eu: que significa isso? O meu intérprete me explicou: “É a prudência humana, meu filho, que prescreve que o homem não se mostre a todos o que ele é. Consigo mesmo pode ser como é, mas perante os homens deve mostrar-se humano e dar belas feições a tudo o que faz”. [...] E olhei de novo e vi como alguns com muita destreza manejavam aquelas máscaras, tirando e pondo-as com rapidez, de maneira que sabiam apresentar-se ora de uma, ora de outra cara, conforme achavam mais conveniente. Então comecei já a compreender o curso deste mundo, mas fiquei calado. (COMENIUS, 2010, p. 28-29).

Por trás desse cenário e dessas palavras, podemos verificar que Comenius estabelece sua crítica a uma sociedade de seres humanos que vivem mascarados, escondendo quem realmente são. A “prudência humana”, conforme explica o “intérprete”, é justamente ser inautêntico perante o mundo, apresentando um rosto falso, a máscara. Quer dizer: para não causar espanto à humanidade, as pessoas apenas se revelam para seus iguais conforme lhes for conveniente. O ser falso e o ser verdadeiro são o jogo da contradição entre os homens na Praça do Mundo.

Outra contradição interessante marca a relação entre as palavras que compõem o título do livro: O *Labirinto do Mundo* enseja a exterioridade das coisas mundanas e vaidosas que enganam e trazem infortúnios ao Peregrino; o *Paraíso do Coração*, pelo contrário, promove uma volta para sua interioridade, pois é no íntimo que reside o Bem Supremo.

O pregador e o peregrino

Uma das crenças de Comenius era de que *Eclesiastes* fora escrito por Salomão. Conforme aponta Veras (2005), as primeiras dúvidas sobre a autoria desse livro datam dos séculos XVI e XVII, período em que Comenius se encontrava. A autora enfatiza que até os séculos XIX e XX ainda havia defensores da autoria salomônica; portanto, não é de se estranhar que Comenius tivesse essa opinião. Veras afirma que também o reformador alemão Martinho Lutero (1483-1546) havia problematizado a autoria do *Eclesiastes* e, muitos séculos antes, Ibn Ezra (1089-1164), um rabino judeu, questionou sua autoria, porém aceitou como sendo de Salomão.

As dúvidas e as controvérsias sobre a autoria continuariam nos séculos seguintes. Entretanto, são os cristãos das Igrejas Reformadas do século XIX os primeiros a aceitar a não autoria de Salomão, reconhecendo *Eclesiastes* como um livro escrito no período pós-exílico, quando muitos judeus retornam da Babilônia e reorganizam sua vida religiosa e social no território de Israel. De fato, segundo estudiosos da área da linguística, a língua hebraica utilizada em *Eclesiastes* tem um estilo tardio, confirmando que a data de redação do livro deve ser a do pós-exílio (VERAS, 2005).

Homem de sua época, Comenius não só atribui a Salomão a autoria de *Eclesiastes*, como reconhece a si próprio e sua história nesse texto bíblico. Daí sua identificação com ele e sua transposição para o personagem Peregrino.

Na verdade, o personagem *Coélet* representa muito aquilo que Comenius viveu. A figura bíblica é de um Pregador que fala a seu povo, a uma assembleia; Comenius é um bispo que também prega a sua comunidade. Ambos são Pregadores que educam por meio da oralidade, desejando o bem a seus congêneres.

Adotando a hipótese de *Coélet* ser “alguém” (um nome de uso comum empregado pelo autor do livro como nome próprio), pode-se inquirir: quem é *Coélet*? Qual sua função? Que profissão exercia? A qual camada social e cultural pertencia? A que público se dirigia?

O próprio livro nos informa em seu epílogo que:

Além de ter sido sábio, *Coélet* também ensinou o conhecimento ao povo; ele ponderou, examinou e corrigiu muitos provérbios. *Coélet* procurou encontrar palavras agradáveis e escrever exatamente palavras verdadeiras. As palavras dos sábios são como agulhões e como estacas fincadas pelos autores das coletâneas: É o dom de um pastor único. (ECCLESIASTES 12, 9-11).

Conforme *A Bíblia de Jerusalém*, *Coélet* foi um sábio, mestre e pesquisador. Segundo Veras (2005), há um consenso entre estudiosos sobre a veracidade dos versículos supracitados. Valendo-se de autores que estudaram *Eclesiastes*, Veras diz que *Coélet* pode estar a serviço de alguém, de um grupo, de um regime político, de uma classe social ou dos interesses do povo. Todavia, há quem indique que *Coélet* era um rico aristocrata, desconhecedor dos sofrimentos da vida e não interventor da política, nunca tendo se dedicado a mudar a miséria do mundo.

Ainda segundo Veras (citada), não apenas o epílogo, mas todo o livro de *Eclesiastes* apresenta *Coélet* como sendo um mestre e pesquisador. Afinal, demonstra um caráter inquiridor ao afirmar frequentemente que observa as vaidades do mundo, além de transmitir ensinamentos, fazer advertências e exortações, realçando a postura de mestre.

A ocorrência de verbos como “investigar”, “explorar”, “experimentar”, “examinar”, “observar” e “compreender”, reforçam a índole de alguém que busca conhecer o mundo. Analisando sob essa perspectiva, muito embora os contextos sejam diferentes, podemos relacionar *Coélet* aos intelectuais do método moderno do tempo de Comenius. Nesse sentido, *Coélet* e Peregrino (personagem que dá vazão ao pensamento de Comenius) são bem parecidos.

Coélet afirma: “Coloquei todo o coração em investigar e em explorar com a sabedoria tudo o que se faz debaixo do céu” (ECLESIASTES 1, 13). Peregrino, por sua vez, argumenta: “Finalmente, depois de muitas e repetidas reflexões, decidi ir ver primeiro todos os afazeres com que os homens se ocupavam debaixo do Sol” (COMENIUS, 2010, p. 19). Ambas as passagens marcam claramente que o livro de *Eclesiastes* é fonte de inspiração para o *Labirinto*. A semelhança entre as sentenças nos conduz a pensar que Peregrino poderia ser uma ressignificação comeniana do personagem *Coélet*, isto é: Peregrino pode ser uma representação moderna do *Coélet*, que sai às ruas do mundo (as terras históricas tchecas do século XVII), fazendo jus ao seu próprio nome (o peregrino é um romeiro!), em busca de sabedoria, mas encontrando apenas vaidade.

Tanto um como outro voltam seus olhares para as obras humanas, para a sabedoria do mundo. O primeiro coloca todo seu coração na busca do conhecimento; toda a força vital de *Coélet* é empregada na procura da sabedoria. O segundo, depois de muitas e repetidas reflexões – o que enfatiza o valor da razão moderna – decide observar os afazeres humanos. Nessa direção, apesar de ter denunciado as vaidades do mundo no capítulo denominado “Ao leitor”, Peregrino sai de sua casa em agrado com seu projeto de conhecer todos os afazeres mundanos. *Coélet*, pelo contrário, ao longo de toda sua fala, critica as vaidades humanas e parece sugerir manter-se à distância delas.

Em geral, a postura de *Coélet* é interpretada por muitos estudiosos como sendo a de um “pessimista” pela falta de êxito na vida. Outros autores também atribuem valores como “contraditório”, “cético”, “agnóstico” e “determinista” ao personagem bíblico (VERAS, 2005, p. 26-27). Ainda de acordo com a autora citada, há autores que consideram que o ceticismo de *Coélet* pode ser entendido como dúvida sobre as opiniões professadas e “verdades” instituídas no seu tempo. Outros argumentam que o posicionamento de *Coélet* não consiste na dúvida em relação à existência de Deus, mas sim em relação à possibilidade humana de poder conhecer sua presença e a maneira como age no mundo e na história.

Desse modo, o ceticismo não significa necessariamente descrença e sim um posicionamento de alguém que duvida. *Coélet* e Peregrino talvez não sejam descrentes em

relação aos seres humanos, mas questionadores das obras que se fazem debaixo do sol. Se retomarmos a história da filosofia antiga, o termo “cético”, em grego *skeptikós*, significa justamente aquele que investiga (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006). O ceticismo consiste então em uma corrente do pensamento onde o juízo sobre as coisas fica em suspenso – *epoché* – e todas as afirmações estão em dúvida constante.

Veras (2005) aponta que além de cético, *Coélet* recebeu outras qualificações com sentido negativo, como epicurista, hedonista, cínico e nihilista. Talvez *Coélet* estivesse próximo, no tempo e no pensamento, das referidas escolas helenistas do século IV a.E.C., uma vez que não é improvável que existam marcas e influências da filosofia grega no livro de *Eclesiastes*. Contudo, há uma grande diferença entre o gozo da vida feito por *Coélet* e o dos epicuristas e hedonistas.

Enfim, Peregrino (como *Coélet*) não perde sua fé em Deus; todavia, torna-se um descrente em relação às mundanices humanas. O que nos conduz a questionar se seria, então, Peregrino um cético, assim como alguns autores classificam *Coélet*, ou alguém amargurado com o mundo? Nem uma coisa, nem outra. O amargor expressado por Peregrino depois de conhecer as vaidades mundanas lembra o pessimismo de *Coélet*, mas certamente é reflexo das mazelas vividas por Comenius em seu período histórico.

Outro apontamento em *Eclesiastes* para o qual chamamos atenção faz um esclarecimento importante sobre a palavra “vaidade”. A tradução tradicional da palavra “vaidade” pode significar de início: vapor, sopro e esta pertence a um repertório de imagens tal como a água, a sombra e a fumaça, que na poesia hebraica remetem à fragilidade humana. Em *Eclesiastes* essa palavra perde seu sentido concreto e ganha outro sentido, o qual evoca o ser ilusório das coisas e as decepções reservadas ao homem. (ECLESIASTES 1,2)

Observamos que o livro de *Eclesiastes* inicia e termina sua fala proferindo a mesma frase que está no Prólogo do discurso. Notamos a aparição, por diversas vezes, da palavra vaidade associada a variadas situações que os seres humanos vivem. Diz o Pregador que: toda a obra que se faz debaixo do sol, alegria e felicidade; a sorte do insensato ou do sábio, do homem ou do animal; o trabalho e a competição entre os companheiros; a comida e a bebida; os que sozinhos vivem sem família; o dinheiro e a abundância; o não desfrute das riquezas materiais e morais que Deus concede a alguns homens, que será então desfrutada por estrangeiros; o uso demasiado das palavras; o canto do insensato; o justo perecer na justiça, o ímpio sobreviver na impiedade; os ímpios serem levados à sepultura; o desfrute da vida com a mulher amada; juventude e cabelos negros... Tudo isso, para o Pregador, é vaidade, é ilusão (ECLESIASTES 7,1-30).

Do mesmo modo, no trecho “Ao leitor” há quatro aparições da palavra “ vaidade”: a primeira está na fala de Salomão (já dito que Comenius atribui a ele a autoria de *Eclesiastes*) ao dizer “ vaidade e aflição de espírito”; as seguintes são do próprio Peregrino que diz: “ vaidade multiforme deste mundo”; “ vaidades da espécie humana”; “ vaidade do mundo”. Ambos os personagens estão dizendo coisas semelhantes. Os dois falam da vaidade como algo presente no mundo, nas atividades humanas e na própria espécie humana. Contudo, a vaidade é ilusória e suas decepções reservam-se a todas as pessoas.

Observamos que na *Bíblia de Kralice* (BIBLE KRALICKÁ, 1613) a palavra empregada para a tradução do termo “ vaidade” é *marnost*, que também pode significar esforço vão, vacuidade. Todavia, para designar “ vaidade” Comenius vale-se da palavra tcheca *marnivost*, uma derivação de *marný* que pode significar inútil, vão, vaidoso.

A denúncia da vaidade e a escrita de um livro

É de se considerar, pelo menos, dois detalhes da história que fazem referência direta ao *Eclesiastes*. Para além da alegoria comeniana exercer o efeito de uma narrativa moderna do *Eclesiastes*, Comenius traz o próprio Salomão para sua narrativa. O rei e sua comitiva vieram ao encontro da rainha Sabedoria, a princípio para tomá-la como esposa. Mas ela não poderia se casar com ele, visto ser esposa de Deus. Nesse sentido, o “ rei do povo israelita” passa a observar tudo “ debaixo do Sol”:

Foi-lhe, porém, respondido, pela boca da ministra Prudência que a Sabedoria era esposa do próprio Deus, e que não podia entregar-se a ninguém outro; mas que não lhe negava o seu favor, se com isto se contentasse. Então exclamou Salomão: “Permita-me sentar aqui e contemplar a sabedoria e a estultícia, para ver qual a diferença entre elas; porque não me agrada nada do que se faz debaixo do Sol”. (COMENIUS, 2010, p. 118)

Após a rainha fazer diversas deliberações diante dos pedidos que lhe eram feitos, em especial, a busca pela solução dos conflitos entre homens e mulheres, Salomão se levanta e retira o véu da rainha e vê que seu rosto era horrendo.

E Salomão, passando às conselheiras dessa suposta rainha, tirou-lhe também as máscaras que cobriam suas faces, e disse: “Vejo que em lugar da justiça reina a injustiça, e em lugar da santidade a abominação. Vossa vigilância é a suspeição, vossa prudência é a astúcia, vossa afabilidade é a lisonja, vossa verdade é a ficção, vosso zelo é a raiva, vossa valentia é o desaforo, vosso amor é a libertinagem, vossa diligência é a escravidão, vossa inteligência é a suposição, vossa devoção é a hipocrisia! E quereis fazer crer que fostes colocadas para governar o mundo como vigários de Deus onipotente? Deus

descobrirá e julgará todas as coisas, boas e más, por mais ocultas que sejam. Eu irei e pragarei a todo o mundo que não se deixe seduzir e iludir por vós”. E retirou-se indignado, e com ele as suas comitivas, e percorreu todas as ruas, clamando: “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade!” (COMENIUS, 2010, p. 127).

Volta aqui a imagem do pregador Salomão, imagem marcadamente presente no *Eclesiastes*. Comenius traz o próprio (suposto) “autor” do livro bíblico (Salomão) motivado a escrever seu texto de denúncia das vaidades do mundo. Avançando na narrativa do *Labirinto*, porém, vemos que Salomão não consegue denunciar a vaidade. Seus seguidores, vendo que “o mais sábio dos homens” se entregara às coisas do mundo, se separam dele. Mas a rainha mandou perseguir também os pregadores, prendendo-os e os matando.

Essa narrativa é coerente com o argumento de Atwood (2009), apresentado anteriormente, de que a teologia da União dos Irmãos estava pautada em uma valorização das escrituras como um guia para a vida prática, uma relação entre ortodoxia e ortopraxia e uma defesa dos mártires (como Jan Hus) que deram sua vida pela defesa da verdade, não se entregando ao mundo.

Nesse sentido, de nada adianta a erudição ou a defesa da correção de aspectos doutrinários se a vida dos cristãos está presa às vaidades do mundo. É por isso que, quando já se encontra no “paraíso do coração”, o Peregrino pode agora ser instruído por seu novo guia, a Bíblia, embora a leitura dessa coletânea seja “um trabalho interminável, de pouco uso, frequentemente ruim e sempre traz cansaço e problemas” (COMENIUS, 2010, p. 136). É o que já anunciava *Coélet*:

Coélet procurou encontrar palavras agradáveis e escrever com propriedade palavras verdadeiras. As palavras dos sábios são como agulhões e como estacas fincadas pelos chefes de rebanhos; são colocadas pelo mesmo pastor. Além disso, meu filho, fique atento: fazer livros é um trabalho sem fim, e muito estudo cansa o corpo. (ECLESIASTES, 12, 10-12).

Os sábios denunciaram a vaidade, mas muita erudição pode levar de volta a ela e “cansar o corpo”; a prática cotidiana de seguir os mandamentos é que deve ser buscada. Disse Coélet. Seguiu o Peregrino.

Considerações Finais

O *Labirinto* é uma obra inserida na visão teológica da União dos Irmãos, escrita por um de seus pregadores que buscava um “lugar seguro” em um mundo que se apresenta caótico, organizado de tal maneira que o labirinto mitológico de Creta “era um brinquedo, em

comparação com o Labirinto do mundo” (COMENIUS, 2010, p. 20). Trata-se de um texto religioso. Mas é também o texto de um educador inserido em sua época, em seu grupo, em sua visão de mundo propondo, por meio de uma alegoria, um pouco de consolo, fortalecimento e abertura para o novo tempo que se seguiria com o exílio. Um tempo que poderia ser bem vivido se os princípios que os uniam como “Irmãos” pudessem se manter.

Na situação de exílio, após profundas perdas de ordem pessoal, Comenius busca dar um sentido para o que vivia e, utilizando as imagens do *Eclesiastes*, construiu uma alegoria sobre o que é ser um verdadeiro cristão. Mas ela também foi a base da constituição de sua obra educacional, feita para sair do labirinto. Comenius via, com seus óculos da União dos Irmãos, que tudo era vaidade sob o sol. E a prática de uma vivência correta no mundo, sem excessos, seguindo apenas o que é necessário constituiria seu método para chegar ao “paraíso do coração” em toda a terra: a Didática.

Referências

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução das introduções e notas de *La Bible de Jérusalem*, edição de 1998, publicada sob a direção da “Écolebiblique de Jérusalem”. São Paulo: Paulus, 2013.

AGUIAR, T. B. de. **Jan Hus:** cartas de um educador e seu legado imortal. São Paulo: Annablume, 2012.

AGUIAR, T. B. de. ‘Minor’ educator before Comenius: Petr Chelčický’s pacifism. **Acta Scientiarum. Education.** Maringá, v. 37, n. 1, p. 35-46, jan-mar, 2015.

AGUIAR, T. B. de. Cartas distantes de um ganso em lugar nenhum ou reflexões sobre o pensamento exilado no século XV. In: LIMA, Alessandra Carbonero; PAGOTTO-EUZEBIO, Marcos Sidnei, ALMEIDA, Rogério de. **Os outros, os mesmos:** a alteridade no mundo antigo. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2018.

ATWOOD, C. D. **The theology of the Czech Brethren from Hus to Comenius.** Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2009.

BIBLE KRALICKÁ. Disponível em: <http://bible.cz/_bible/menu.phtml>. Consulta ao capítulo 1 de *Eclesiastes*, disponível em: <<http://bible.cz/public/kapitola.phtml?kapitola=2685>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

BOLLIS, R. A. R. **Jan Amos Comenius:** um educador em três tempos. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2015.

COMENIUS, J. A. **O labirinto do mundo e o paraíso do coração.** Tradução Francisco Valdomiro Lorenz. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2010.

COVELLO, S. C. **A construção da Pedagogia.** 3. ed. São Paulo: Editora Comenius, 1999.

FATTORI, M. Nota biográfica. In: COMENIUS. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 4. ed. Atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

VERAS, L. L. **Coélet**: contestador ou construtor de uma nova sabedoria? Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2005.

VOLDAN, H. From the labyrinth to the one. In: CHOCHOLOVÁ, S.; PÁNKOVÁ, M.; STEINER, M. (Eds.). **Jan Amos Komenský: Odkaz kultuře vydělávání**. Praha: Academia, 2009.

YATES, F. **O iluminismo rosa-cruz**. São Paulo: Cultrix-Pensamento, 1972.

Recebido em	17/09/2019
Aceito em	04/10/2019